

SILVIANO SANTIAGO, LEITOR DE DERRIDA¹

Sílvia Augusto de Oliveira Holanda²
Universidade Federal do Pará

RESUMO: A presente comunicação é um estudo interpretativo do uso por Silviano Santiago de alguns conceitos de Jacques Derrida, tais como *différance*, escritura e descentramento. O trabalho está fundamentado, sobretudo, em um confronto entre *Uma literatura nos trópicos* (1978) e *A escritura e a diferença* (1971) a partir da crítica ao discurso da metafísica ocidental e dos conceitos nela fundados (unidade, pureza, autenticidade, etc.).

Como vivemos da fecundidade estruturalista, é demasiado cedo para chicotear nosso sonho.

Jacques Derrida

O confronto entre as idéias de Derrida e Silviano Santiago não visa a uma arqueologia do discurso. Trata-se, ao contrário, de mostrar que o estruturalismo escolástico que grassou nas universidades brasileiras a partir dos anos 60 não é a única via de acesso à estrutura. A idéia desta comunicação surgiu da leitura de uma entrevista publicada em 2000, entrevista que dá conta da pluralidade discursiva que se oculta sob o rótulo generalizante de estruturalismo. Hoje, passado o ímpeto inicial, faz-se evidente que o conceito de estrutura não se pode reduzir a esquemas e a gráficos, como se a análise emanasse de uma certa geometrização do discurso, como se a estrutura, a partir de uma perspectiva lévi-straussiana, por exemplo, não encerrasse conflitos, como se a História maiusculada e a Estrutura ressubstancializada pudessem caber dentro dos sectarismos metodológicos. Leia-se um trecho da entrevista:

Eu acho que não foi à toa que entro de volta no Brasil um pouco a partir da contracultura e menos a partir da universidade. Texto propriamente universitário que eu faço é sobre Derrida. Porque, de certa maneira, me preocupava muito o estruturalismo bidimensional, por assim dizer, que estava sendo cultivado no Brasil.

¹ Comunicação apresentada ao VIII Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), realizado em Belo Horizonte (MG) entre 23 a 26 de julho de 2002.

² Prof. Adjunto de Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo.

Esse estruturalismo que via o texto de uma maneira mais chapada, procurando compreender apenas o seu funcionamento, os seus agenciamentos e coisas desse gênero. Em Derrida, naquele momento, dentro da linha estruturalista, através disso que ele chamou de desconstrução³, já havia uma tridimensionalidade da leitura estrutural, que está num artigo dele que julgo muito importante chamado *Força e significação*. É a diferença entre a bidimensionalidade de uma leitura estrutural e a tridimensionalidade de uma que levaria em conta aquilo que mais tarde se convencionou chamar arqueologia, essa busca de tratar um determinado problema não só através da sua atualidade, mas também da maneira como ele foi sendo concebido, tratado e muitas vezes escondido, camuflado, deixando finalmente que ele apareça a descoberto. Isso, por exemplo, já está em outro artigo meu dessa época, sobre *A Bagaceira*, a que eu me referi hoje numa conversa nossa. É um romance que fala muito sobre questões sociais, mas que oculta todo um discurso erótico. E esse discurso erótico aparece literalmente em *A Bagaceira* através de reticências. Meu interesse era trazer para o primeiro plano da leitura essas reticências. Era o discurso erótico que obviamente me interessava e que era uma das minhas obsessões. Como manter numa literatura tão masculinamente erotizada um discurso erótico que, sem se menosprezar, pudesse se equiparar ao discurso hegemônico que é o social?⁴

Surge, entre outras referências, a idéia de desconstrução, sendo esta impensável sem remissão a Nietzsche e à filosofia da presença inerente à Metafísica. Assim, o discurso metafísico postula ser possível dar conta do valor de verdade e de realidade, a partir de um significado transcendental. A fim de dar conta dos problemas da Metafísica — O que é Deus? O que é o Mundo? O que é o Homem? — o belo, o bem e o verdadeiro são concebidos como substâncias, permanência na mudança, sendo esta do plano do puro fenomênico. A operação de leitura, penetrando no corpo do texto, revela o que estava recalcado. No caso de *A bagaceira* (1928), trata-se do discurso erótico recalcado pelo discurso ideológico. Somando-se ao esforço de Luiz Costa Lima (cf. *Estruturalismo e Teoria da Literatura*, 1973) de ler o Estruturalismo numa

³ Cf. o verbete DESCONSTRUÇÃO (DÉCONSTRUCTION): Operação que consiste em denunciar num determinado texto (o da filosofia ocidental) aquilo que é valorizado e em nome de quê e, ao mesmo tempo, em desrecalcar o que foi estruturalmente dissimulado nesse texto. § A leitura desconstrutora da metafísica ocidental se apresenta como a discussão dos pressupostos, dos conceitos dessa filosofia, e portanto a denúncia de seu alicerce logo-fono-etnocêntrico. Apontar o centramento é mostrar aquilo que é “relevado” (relevé) no texto da filosofia; apontar o que foi recalcado e valorizá-lo é a fase do renversement. A leitura desconstrutora propõe-se como leitura descentrada e, por isso mesmo, não se reduz apenas ao movimento de renversement, pois se estaria apenas deslocando o centro por inversão, quando a proposição radical é a de anulação do centro como lugar fixo e imóvel. (*Glossário de Derrida*, p. 17)

⁴ ENTREVISTA com Silviano Santiago. *Revista Letras*, Curitiba, n. 53, p. 180, jan./jun. 2000.

perspectiva informada antes pela Antropologia Estrutural e pelas Mitológicas de Lévi-Strauss do que pela narratologia de Genette, Todorov e Greimas, *Uma literatura nos trópicos* (1978) permite ver, latente na escrita, o corpo desejante, a fraturar a análise meramente bidimensional de certo estruturalismo (cf. natureza x cultura, vida x morte, etc.) fundado num inventário de funções narrativas.

Destaquemos algumas idéias do texto mencionado na entrevista — “Força e significação” (Derrida, 1971, p. 11-52). Seu título remete à obra *Forme et signification: essais sur les structures littéraires de Corneille à Claudel* (1962), de Jean Rousset (1910). Refletindo sobre o fenômeno estruturalismo, buscando retirá-lo da sedução pelo formalismo, Derrida nos propõe uma estrutura como a unidade da forma e do sentido: “Mas na estrutura não há apenas a forma, a relação e a configuração. Há também a solidariedade; e a totalidade, que é sempre concreta” (Derrida, 1971, p. 15). Chamamos a atenção para a seguinte afirmação, que nos mostra que o estruturalismo, reduzido a um bidimensionalismo estático, não consegue ver a força latente na forma:

Como a melancolia para Gide, estas análises só são possíveis após uma como que derrota da força e no impulso do fervor esmorecido. No que a consciência estruturalista é a consciência pura e simples como pensamento do passado, isto é, do fato em geral. Reflexão sobre o realizado, o constituído, o *construído*. Historiadora, escática e crepuscular por situação. (Derrida, 1971, p. 15)

Reagindo, contudo, contra a derrota da força, Derrida, “Forma e significação”, afirma o caráter catastrófico da consciência estruturalista:

Nada há portanto de paradoxal no fato de a consciência estruturalista ser consciência catastrófica, simultaneamente destruída e destruidora, *destruturante*, como o é toda a consciência ou pelo menos o momento decadente, período adequado a todo o movimento da consciência. Percebe-se a estrutura na instância da *ameaça*, no momento em que a iminência do perigo fixa os nossos olhares na abóbada de uma instituição, na pedra em que se resumem a sua possibilidade e a sua fragilidade. Pode-

se então ameaçar *metodicamente* a estrutura para melhor a perceber, não só nas suas nervuras mas também nesse lugar secreto em que não é nem ereção nem ruína mas labilidade. (Derrida, 1971, p. 16)

A partir dessas colocações iniciais, discute-se o texto de Rousset, as noções de forma e de imaginação nela presentes, o ato literário, a existência de uma linguagem pura, a existência ou não de uma especificidade do belo, a idéia de estrutura como constante formal (Rousset), a que Derrida oporá a idéia de uma unidade de forma e significação:

A estrutura é na verdade a unidade de uma forma e de uma significação. É certo que às vezes a forma da obra, ou a forma enquanto obra, é tratada *como se* não tivesse origem, como se, também na obra-prima (e Rousset só se interessa pelas obras-primas), o destino da obra não tivesse história. Não tivesse história intrínseca. É nesse ponto que o estruturalismo parece muito vulnerável e que, por toda uma dimensão — que está longe de a cobrir inteiramente —, a tentativa de Rousset corre também o risco de platonismo convencional. (Derrida, 1971, p. 28)

A análise de Corneille, Proust e Claudel conduzem, em Rousset, a uma metafísica, recusada por Derrida a partir da noção de completude e coerência na organização do sentido:

Ser estruturalista é prender-se em primeiro lugar à organização do sentido, à autonomia e ao equilíbrio próprio, à constituição acabada de cada momento, de cada forma; é recusar deportar para a categoria de acidente aberrante tudo o que um tipo ideal não permite compreender. [...] É certo que a recusa do finalismo é uma regra de direito, uma norma metódica que o estruturalismo dificilmente pode aplicar. E a respeito do *telos* um voto de impiedade ao qual o trabalho jamais é fiel. O estruturalismo vive na e da diferença entre o seu voto e o seu fato. (Derrida, 1971, p. 47)

No fim do artigo, a partir da conjunção de *O Crepúsculo dos Deuses* [*Götzen-Dammerung*] e *Assim Falava Zaratustra* [*Also Sprach Zarathustra*], Derrida afirma: “A escritura é o momento desse vale originário do outro no ser. Momento da profundidade também como decadência.”(p. 52)

Passemos ao ensaio sobre *A bagaceira*.

No ensaio “*A bagaceira: fábula moralizante*”, dividido em 7 partes, Silviano Santiago discute o discurso erótico latente na obra de José Américo de Almeida, problematizando os desajustes entre os discursos ideológico e erótico:

Uma das originalidades de *A bagaceira*, de José Américo de Almeida, é que oscila, quanto ao modo narrativo, entre dois extremos: ora é um texto que *fala demais*, isto é, que explicita a *interpretação* que seria induzida pelo leitor da análise da caracterização dos personagens e da sua dramatização dentro da lógica das ações, ora *fala de menos*, abrindo-se no texto algumas lacunas que são sintomaticamente preenchidas por *reticências*, deixando o leitor sem saber o que exatamente o personagem disse. (Santiago, 2000, p. 104)

A ambigüidade ressaltada pela interpretação desrecalcante de Silviano Santiago modifica as leituras mais freqüentes de José Américo de Almeida, por estas se fundarem apenas no discurso explícito e no dito. É o que ocorre na interpretação do desejo amoroso a partir da situação de Soledade, que não se reduz ao papel de vítima da exploração (discurso ideológico), aparecendo como o objeto do desejo (discurso erótico recalcado pelo narrador) e sendo representada como esposa, mãe e mana de criação:

O desejo amoroso em *A bagaceira* é fomentado pelo laço sanguíneo e ao mesmo tempo proibido por ele; no entanto, desabrocha pleno (o desejo, não a consecução — frisemos) por toda a narrativa, como se só tivesse sentido o desejo sexual caso se amparasse na muleta dos fantasmas familiares. O objeto do desejo é o ser feminino sob a forma simultânea de semelhança e de diferença. Diferença na repetição, num primeiro nível, na medida em que se repete sem ser o mesmo: Soledade é e não é esposa, mãe e irmã; semelhança na diferença, num segundo nível, na medida em que se deseja sempre o objeto porque se assemelha ele ao desejo do outro, passando a ser então o elemento que, pela semelhança, diferenciaria os personagens, organizaria os desejos individuais e seus motivos eróticos. (Santiago, 2000, p. 117)

A atenção conferida à linguagem pelo estruturalismo não deve conduzir a uma leitura do apenas dito e da sintaxe superficial do texto, devendo buscar as camadas subterrâneas do silêncio subjacente ao recalque. Em *A bagaceira*, a realidade, dado o seu caráter considerado plebeu, por vezes, é escondida por um discurso reticente, que precisa ser analisado pelo discurso crítico-interpretativo:

Oscila então *A bagaceira* entre dois modos narrativos, entre a transgressão ao não-permitido-dizer no plano socioeconômico e a (auto)censura no plano sexual. Assim é que às conclusões extraídas da análise da realidade e dramatizadas no romance se

opõe toda uma camada subterrânea do não-dito que se encontra aqui e ali anunciada na superfície do texto pela disseminação das reticências. É essa camada subterrânea que estamos tentando surpreender e içar para a superfície desta interpretação. (Santiago, 2000, p. 120)

A oscilação entre os modos narrativos identificada pelo ensaísta não incide no já criticado bidimensionalismo de certas análises ditas estruturais, por mostrar que o texto de José Américo de Almeida instaura pelo silêncio “o espaço do que ainda não poderia ser dito”. Nesse sentido, a dicotomia natureza/cultura, tão presente na análise estrutural de Lévi-Strauss (cf. *Anthropologie Structurale* II) e Greimas (cf. *Du sens*), precisa ser analiticamente abalada para perceber-se o seu caráter estrutural e o seu papel no desajuste entre os discursos ideológico e sexual. O conceito freudiano de recalque — no caso de Lúcio, personagem de *A bagaceira*, o desejo de retorno à natureza (mãe, infância, Soledade) — permite instaurar uma leitura tridimensional do referido romance:

Portanto, dentro da narrativa, o retorno de Lúcio à natureza para melhor compreender sua “natureza” vai corresponder sempre a uma busca de ensinamentos que não sejam os ensinamentos dados pela cultura do colégio, mas os do retorno à infância, à origem, a uma infância sem mãe, onde a natureza fazia as vezes de mãe. O encontro com Soledade articula-se, entrelaça-se em três níveis completamente distintos e unificados no imaginário de Lúcio. O encontro com Soledade (anunciado no texto pela *soledade* de unigênito, p. 12) é o reencontro com a “soledade” de sua infância sem mãe, com a mãe-natureza, e com esta Soledade, novo substituto de mãe, “retrato de mãe”, para ser preciso e, ao mesmo tempo, objeto de seu desejo. Em suma: a redescoberta de sua “natureza” que tinha sido esmagada pela prisão do colégio. Tanto é verdade, que já no final do livro, quando Soledade dá mostras de pouco interesse por ele, Lúcio perde também seu interesse pela natureza: (Santiago, 2000, p. 126)

Assim, mais que propor o diagrama dos actantes ou armar a gramática da narrativa, trata-se, no ensaio de Silviano Santiago, de mostrar os desajustes entre os discursos ideológico e erótico em *A bagaceira*, o que faz do teórico um intérprete/mediador de um estruturalismo capaz de, nietzscheanamente, ver a força na latência desejante da forma, ameaçando dicotomias fundadas numa filosofia da presença, surdas à fala de Zaratustra.

Bibliografia

- DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. Trad. Rogério Costa. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1997. 126p.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973. 386p.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Trad. Maria Beatriz M. Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1971. 255p.
- DERRIDA, Jacques. *La voix et le phénomène*. Paris: P.U.F., 1967. 120p.
- DERRIDA, Jacques. *L'écriture et la différence*. Paris: Seuil, 1967. 440p.
- DERRIDA, Jacques. *La Dissémination*. Paris: Seuil, 1972. 406p.
- DERRIDA, Jacques. *Marges de la philosophie*. Paris: Editions du Minuit, 1972. 396p.
- ENTREVISTA com Silviano Santiago. *Revista Letras*, Curitiba, n. 53, p. 175-194, jan./jun. 2000.
- SANTIAGO, Silviano (org.). *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. 100p.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978. 212p.
- SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. 200p.
- SANTIAGO, Silviano. Permanência do discurso da tradição no modernismo. In: BORNHEIM, Gerd. *Cultura brasileira: tradição e contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/FUNARTE, 1987. 152p. p. 111-145.
- SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989. 235p.
- SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. *Navegar é preciso, viver: escritos para Silviano Santiago*. Belo Horizonte: UFMG, 1997. 365p.